

**“KOUHÉPUNETI: LÍNGUA E CULTURA TERENA”:
EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA TERENA
– COLETA DE DADOS – EDUCAÇÃO BÁSICA**

Elinéia Luiz Paes Jordão (UEMS)

preta_terena@yahoo.com.br

José Antonio (UEMS)

RESUMO

Objetivou-se, neste trabalho de pesquisa, realizar um levantamento dos substantivos encontrados na língua terena que são oriundos de empréstimo linguístico da língua portuguesa, uma vez que estes se constituem como um dos meios através dos quais a ampliação lexical daquela língua tem ocorrido. A pesquisa foi realizada na Aldeia Indígena Ipegue, localizada no município de Aquidauana (MS), local onde se tem verificado a alta incidência dos empréstimos da língua portuguesa, conforme observações de pesquisadores ligados aos projetos de pesquisa “kouhépuneti: língua e cultura terena”, “educação escolar indígena: língua, raça, cultura e identidade”, e projeto de extensão: “keukapanaravemo’u e yakutipapu”. Esta pesquisa se fez necessária, pois os dados coletados irão contribuir para a constituição do banco de dados sobre essa língua, que servirá de base para futuras pesquisas envolvendo a língua e o povo terena, tais como: comparação do terena com outras línguas relacionadas; comparação entre a variante falada em outras aldeias terena localizadas nos municípios de Aquidauana e Miranda, bem como a reconstrução de suas estruturas com a finalidade de constatar a evolução histórica das línguas que possuem origem comum; verificação de universais ou categorias gramaticais e a aprendizagem da língua terena. Além disso, este trabalho serviu como ponto de partida para a elaboração de materiais didáticos que sirvam de apoio ao ensino da língua terena por professores indígenas.

Palavras chave: Empréstimos linguísticos.

Língua terena. Língua portuguesa. Educação indígena. Educação básica

1. Introdução

Culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores mas estão sempre em eterna construção, reelaboração, criação, desenvolvimento. O respeito ao direito à diferença exigida no Brasil pela Constituição Federal de 88 é o principal recurso para continuidade do processo de construção desse patrimônio vivo, sempre renovado em seus conteúdos e possibilidades e de valor inestimável.

O futuro das línguas e cultura indígena relaciona-se a existência dos povos como sociedade dinâmica, no plano social, econômico e político. A educação escolar deve ser intercultural, bilíngue, específica e diferenciada, devem estar diretamente relacionadas necessidade do povos

indígenas, baseada na realidade linguísticas e cultural. Na era da globalização é impossível pensar que o português, não seja introduzida nas sociedades indígenas, pois há sociedades indígenas em que a criança possui como português como língua materna.

Ao entrar num sistema formal de ensino, a criança indígena traz consigo o uso coloquial da língua materna e cabe à escola sistematizar esses conhecimentos oferecendo situações de interação sócio comunicativas em que a criança utiliza a linguagem verbal de forma clara e ordenada.

Assim, o desenvolvimento dos conteúdos deste eixo tem a função de levar a criança a aprofundar os seus conhecimentos sobre as situações sociocomunicativas realizadas no cotidiano, para que interajam com seus pares de forma mais consciente, no sentido, inclusive, de transformação da sua realidade social. Neste sentido o professor indígena bilíngue a mais de 30 anos Jonas Gomes na escola da aldeia, relata “ Antigamente as crianças indígenas eram obrigadas a falar a língua portuguesa e proibidas de falar a língua indígena terena. Assim as crianças misturavam as duas línguas surgindo assim as palavras ditas “aportuguesadas”.

Atualmente a população da aldeia Ipegue, busca uma escola que, além de feita pelos indígenas, tenha currículos e projetos pedagógicos próprios, que ajudem a valorizar a cultura de seu povo. “Nossa língua praticamente se perdeu. Só os mais velhos falam”, conta o professor Zely Luiz Paes. Segundo a professora, todos os alunos terena têm, uma vez por semana, aulas da língua de seu povo.

Atualmente o povo indígena da aldeia Ipegue tenta reafirmar a sua identidade, buscando em sua história do passado, fazendo com que se torne parte do processo de “construção de identidade” e a língua é um essencial neste processo. Nas palavras de Paulo Freire “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Para isso a escola deve buscar métodos, organizar seus currículos, criar materiais didáticos diferenciados produzidos pelos próprios educadores indígenas. Outra questão é que a educação diferenciada nas escolas indígenas torna-se uma necessidade. Saber respeitar as diferenças, na educação, deve ser um dever de toda a sociedade, pois esse direito está garantido na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB).

Olhando essas questões sem o referencial teórico de Hall (2004), pode-se entender que algumas comunidades estão deixando as tradições e a língua morrerem. Muitos afirmam que não veem alternativas, portanto devem adaptar-se às regras da sociedade não indígena. Outros dizem que é para obterem sucesso. No entanto, sob nosso ponto de vista, essa visão de mundo parece mascarar a discriminação que existe com relação ao “ser índio”. Nesse sentido, a afirmação do autor pode contribuir para compreender a ‘tradição’ não como um modo de vida parado no tempo, mas, sim, como um modo de vida que ao olhar o passado vê o presente e o futuro, aprendendo que ‘tradição’ é um jeito de lidar com o tempo e o espaço criando uma terceira forma de ver o mundo.

O que mais chama a atenção hoje sobre educação indígena são as dimensões que ela pode alcançar, sejam administrativas, pedagógicas ou pela própria construção do conhecimento a partir das experiências culturais de cada povo indígena. Por isso concordo e defendo que o processo de inclusão das escolas indígenas no sistema de ensino oficial como escolas específicas, diferenciadas e interculturais, deverá ter como eixo central o protagonismo indígena, para isso é necessário a implementação de políticas de educação escola indígena a partir de perspectivas indígenas e o fortalecimento de movimentos e organizações indígenas na luta pela consolidação da legislação vigente. Os sistemas de ensino por sua vez tem um grande desafio de lidar com este novo processo de escolarização, das necessidades culturais e linguísticas dos povos indígenas.

2. *Material e métodos*

O estudo foi realizado na aldeia Ipegue, localizada nas terras indígenas terenas, próximas ao município de Aquidauana. Essa aldeia tem uma população de 1.109 habitantes e comporta cerca de 200 famílias. Possui uma escola denominada “Escola Municipal Indígena Feliciano Pio” e os alunos estão distribuídos em: sala do primeiro ao 5º ano – ministrados por professores indígenas, e do 6º ao 9º ano por professores não indígenas, que se deslocam da cidade de Aquidauana. Os professores não indígenas são contratados pois há um entendimento de que os professores indígenas não possuem formação específica para ministrarem as aulas de geografia, história, ciências dentre outras.

A língua terena é ensinada em todas as séries do ensino fundamental e é praticada cotidianamente por algumas pessoas mais antigas da comunidade. Com relatos de pessoas mais antigas da comunidade e pro-

fessores indígenas observou-se que realmente há uma significativa presença de empréstimos linguísticos notadas em frases escritas e nas falas em terena.

O material coletado foi conseguido com a ajuda de professores indígenas bilíngues, entrevistas com pessoas mais antigas da comunidade da aldeia Ipegue, registros da falas com empréstimos linguísticos, coleta de textos utilizados em sala de aula com os alunos do ensino fundamental e materiais didáticos como as cartilhas em terena, a bíblia traduzida em terena e a convenção 169.

3. Aspectos linguísticos

A comunidade em foco apresenta uma diversidade em relação ao uso da língua materna (terena) e o português, pois a língua falada pelas crianças é o português e há uma demanda social pela aprendizagem dela, pela situação do contato e pelo grau de aculturação do grupo. Portanto, hoje elas são alfabetizadas em português e a língua terena como resgate. Neste sentido faz-se necessário o desenvolvimento de um processo de formação continuada de professores indígenas bilíngues que sejam preparados para alfabetizarem em português e língua terena. Os professores que dominam a língua materna fazem uso da mesma para esclarecer as dúvidas de alguns alunos, que estejam inseridas nas salas de aula que não usam o português como a língua.

Essa complexidade linguística traz implicações muito serias em todo processo de escolarização e após exaustivas discussões e consulta à legislação tanto federal como estadual e à própria LDB, a comunidade prefere garantir, o resgate e a alfabetização dos alunos na língua materna, através de um processo de implementação a longo prazo e formação inicial continuada de professores tanto na língua materna oral como na escrita, ficando assegurado o ensino concomitante da língua portuguesa com uma metodologia específica para o contexto indígena.

A alfabetização tem sido uma questão bastante refletida e discutida pelos professores indígenas e não indígenas, na educação contemporânea a alfabetização é a escrita e leitura, atualmente considera-se muito o processo de “letramento”. A educação escolar indígena, além de tudo isso, se preocupa em preservar a cultura indígena, tradições e costumes. Observa-se que a dificuldade de aprendizagem na alfabetização vem causando inúmeras reprovações e evasão escolar.

A escola é o principal agente significativo no processo de sucesso escolar, na alfabetização das nossas crianças, a maneira como esta sendo feito este processo é primordial.

O processo de letramento é algo maior onde esta inserida a alfabetização, nela considera-se o cotidiano da criança, o contato com o mundo das letras antes mesmo de entrar na escola.

As iniciativas inovadoras têm raízes antigas. A circulação de conhecimento entre povos indígenas e comunidades locais através de redes sociais de troca é a dinâmica milenar responsável pela manutenção de um sistema cultural de manejo e compreensão do ambiente. A família é de fundamental importância para o aluno terena. Na família tem início o processo de educação, que é aprimorado na escola. A autoridade paterna é também muito importante no papel educativo e disciplinar, enquanto a autoridade da mãe contribui para o lado afetivo e emocional da criança, ela adquire respeito aos mais velhos e só falam quando tem autorização de uma pessoa mais velha.

Escola e família estão em contínuas mudanças e ao mesmo tempo também mudam as manifestações culturais. Uma das mudanças veio com os alimentos que se plantavam respeitando a terra e adubando-a com um conhecimento próprio, mantendo o tempo certo para colher e para comer. Hoje a terra está desgastada, existem os produtos químicos que auxiliam na adubação da terra de forma que acelera a produção, planta-se hoje e colhe amanhã, sem critérios sobre o que é prejudicial para saúde e, principalmente sem respeitar as tradições, mesmo entendendo que essas são dinâmicas.

As tradições são vistas ora como uma busca por compreender a sabedoria indígena e ora procurando renovar inserindo as influências urbanas, vindas com as novas tecnologias. A escola, em meio às diferentes influências contemporâneas, muitas vezes adotadas pela comunidade sob indicação de lideranças, sem pensar nas consequências, poderá ajudar a resgatar e incentivar a subsistência familiar dentro da comunidade indígena, dialogando com a tradição – já tendo compreendido que a tradição deve ser administrada no tempo e no espaço, conforme Hall (2004).

No âmbito familiar, a tradição na organização social terena vem alterando o costume social do casamento. Algumas mudanças vêm com as influências urbanas. Na visão de uma parte da população da aldeia Ipegue, que mantém a língua no cotidiano, existe um conflito devido a essas novas incorporações, ou novos modos de casar. Os conflitos devem

ser trabalhados na comunidade, entre os anciãos, os adultos, as lideranças para que ao refletir na escola, ajude a encaminhar a educação escolar indígena. Mas, na maioria das vezes a comunidade não senta para refletir, para conversar os rumos que as relações de contato estão trazendo, ou a dinâmica das tradições, segundo Hall (2004). Sem essa dedicação há uma situação que às vezes é tensa, pois alunos se mostram na escola como se sentem desamparados com os pais que se separam, dentre outros fatores sociais.

4. Resultados e discussão

Observa-se acentuadamente os empréstimos linguísticos da língua portuguesa na língua terena, tanto na fala com o na escrita:

Um exemplo é no alfabeto terena: **a – mb – k – nd – e – ng – h – i – nj – l – m – n – o – p – q – r – s – t – u – v – x – y – nz.**

Algumas palavras ditas “aportuguesadas” que aparecem na alfabetização utilizando o alfabeto terena:

Terena	Português	Terena	Português
A – Aráme	(aramé)	NG– Ngátu (marakáya)	(gato)
B– Mbôla (epô’ê)	(bola)	H – Hô’eti	(cinto)
K – kâmo	(cavalo)	I– Índiu (xané)	(índio)
ND– Ndêdu	(dedo)	NJ– Njanela	(janela)
E – Étuku	(trem)	L– Lôru	(loro)
	M– Mótu	(moto)	
	N– Narânga	(laranja)	
	O– Ôho	(rato)	
	P – Porôti	(calça)	
	R– Repenóti	(camisa)	
	S – Sôporo	(milho)	
	T – Tikóti	(árvore)	
	U – Úko	(chuva)	
	V – Vaká	(vaca ou carne)	
	X – Xapâu	(mamão)	
	NZ – Nza’a	(pai)	

Há a presença da língua portuguesa nos dias da semana:

Kaxena Sêmana	(Dias da Semana)	Números	
Lûmingu	domingo	1 – Póhuti	9 – nove
Iké Lûmingu	segunda- feira	2- pi’âti	10 – Yéhi
Pi’âti	terça- feira	3 – mopo’âti	12 – Ndúze

Mopo'âti	quarta – feira	4 – Kuáturu	100 – póhuti sendu
Singu	quinta – feira	5 – singu	200 – Pi'âti sendu
Sâputu	sábado	6 – Sêi	300 – mopo'âti sendu
		7 – Sétí	1.000 – Póhuti mili
		8 – Oítu	2.000 – Pi'âti mili

E assim sucessivamente ...

Nas horas:	
1 hora	– Póhuti ôra
2 horas	– pi'âti ôra
3 horas	– mopo'âti ôra
4 horas	– Kuáturu ôra
5 horas	– singu ôra
6 horas	– Sêi ôra
7 horas	– Sétí ôra
8 horas	– Oítu ôra
9 horas	– nove ôra
10 horas	– Yéhi ôra
12 horas	– Ndúze ôra

Exemplos de frases:

- *Únze ora ina kenó'óko trinta koeti minútu.*

São onze horas e trinta minutos.

- *Sétí ôra Singu koeti minútu iyúngovo.*

Acordei as sete horas e cinco minutos.

Observa-se em outro exemplo de empréstimos linguísticos no pequeno texto abaixo:

Sacólaum (sacolão)

- *Singu koêt i kîlu: Nakáku* (Cinco quilos de arroz)
- *Kuáturu koêt i kîlu: Pêxou* (Quatro quilos de feijão)
- *Mopo'âti kîlu: Râmoko* (Três quilos de farinha)
- *Pi'âti kîlú: Váka* (Dois quilos de carne)
- *Sêi koêtí látana óliu.* (Seis latas de óleo)
- *kuáturu koêtí kîlu: ásuka.* (Quatro quilos de açúcar)
- *Póhuti kîlu: Yúki.* (Um quilo de sal)

Alguns objetos e palavras:

Terena	Português
Lápi	Lápis
Televisaum	Televisão
Tomáti	Tomate
Heladéra	Geladeira
Fogaúm	Fogão
Internéti	Internet
Texto	Texto
Acento	Acento
Cem	Sendu
Óra	Hora
Mêsa	Mesa
Gárfu	Garfo
Projétu	Projeto
Parabôlika	Parabólica
Mbunéka	Boneca
Létra	Letra
Unifórmi	Uniforme
Óvu	Ovo

Há evidenciado os empréstimos linguísticos em palavras na tradução do português para o terena da Bíblia Sagrada

Nomes de pessoas, estado e país	
em português	em terena
A páscoa	Áyui Páscoa
Abrão	Abíraum
Anjo	Ánjuna ou Anjú
Apocalipse	Apokalípisi
Arão	Áraum
Balaum	Mbâlaum
Calebe	Kálebe
Canaã	Kanãm
Coríntios	Koríntiu
Ebreu	Êbereu
Egito	Ejítu
Etiópia	Etiópia
Eufrates	Eúfarate
Êxodo	Êxodu
Faraó	Farão
Gêneses	Gênesi
Gigante	Jigánte
Golias	Ngólias
Isaque	Izaki
Israel	Izarâe
Israelitas	Izaraelíta

Jericó	Njeríko
Jesus	Jesus
Jordão	Njórdaum
Josué	Njozûe
Judá	Njúda
Judeus	Judeuhiko
Juízes	Juízes
Lei	Lei
Lepra	Lépara
Levítico	Levítico
Lucas	Lúka
Mateus	Máteu
Mil	Míli
Miriam	Míriam
Moisés	Muíse
Nazaré	Nazíreu
Oração	Orásaum
Ouro	Oro
Pão	Pâum
Paulo	Poûlu
Pedro	Péturu
Pentecostal	Pentecostal
Profeta	Porófeta
Reis	Reis
Romanos	Rómanu
Rubi	Rûbi
Rute	Rúti
Sacerdote	Sasedóti
Samuel	Samûe
Sansão	Sánsaum
Tabernáculo	Tabernákulu

Livros do Novo Testamento

Português	Terena
Mateus	Mateu
Marcos	Márku
Lucas	Lúka
João	Njoâum

Livro profético

Apocalipse (Revelação) Apokálpisi

Foi observado durante a pesquisa que atualmente não há mais nomes em Terena, os nomes de hoje são oriundos da língua portuguesa.

Na letra da música abaixo podemos observar:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Uso koyene **anjú (anjo)**
Mani koyuhoyea koikute
Pahoenoa vúnae
Ita koitovopine ako vokóyuhua kuvovopi, kuvovonu

coro
Motovani pahúkea **anjú (anjo)**
Xapakuke kopénoti bis
Ūtí kuvóvone vúnae

Naxapa koêku uti

Encontramos empréstimos linguísticos na tradução da convenção 169 OIT em terena.

CONVENÇÃO n° 169

Koyúhoti kopénotihiko
yoko trîbuhiko ya xapakuke
poí poké'e yoko **Resolução** (Resolução)
koyúhoti ítuke ra OIT

5. *Conclusões*

Os empréstimos linguísticos podem ser nitidamente notados na fala (pronúncia) e na escrita terena, conforme relato de alguns professores indígenas esses empréstimos surgiram na medida em que os indígenas eram forçados a falar a língua portuguesa, principalmente com o surgimento da escola dentro das aldeias, e das necessidades de acompanhar o mundo globalizado. Iniciando-se através da chamada “missão” a escola foi inserida através dos padres que ensinavam a língua portuguesa e não permitiam a fala em terena no lugar onde ensinavam, assim alguns adultos indígenas e crianças indígenas passaram a falar as duas línguas porém as misturavam frequentemente.

Outro fator que contribuiu muito foi com o desenvolvimento das tecnologias e surgimento de novas palavras na língua portuguesa, sendo adotado também na língua terena. Um exemplo é a palavra “Internet”, que também se pronuncia e escreve da mesma forma em terena.

Outras palavras que já existiam na língua portuguesa, mas que os indígenas não sabiam o significado são exemplos de empréstimos lin-

guísticos: “Instituição” é pronunciada e escrita da mesma forma na língua terena.

Percebe-se que os educadores indígenas têm a tarefa principal de alfabetizar em suas próprias línguas. No caso da educação escolar terena, com um professor índio, que tenha domínio da língua terena estariam afastadas muitas das dificuldades do processo ensino e aprendizagem. Para o professor terena também seria uma forma de aprender mais sua própria língua pesquisando com os mais velhos da aldeia. Com o estudo da própria língua, os indígenas recuperam metodologias próprias, saberes, fazeres, configurando assim a recuperação da tradição, no sentido dado por Hall (2004). Hoje se compreende melhor que há uma dinâmica sociocultural que traz mudanças e, se trabalhada com teorias educacionais, essas mudanças podem ser compreendidas e revalorizadas nos tempos contemporâneos e nos novos espaços de significação.

Olhando essas questões sem o referencial teórico de Hall (2004), pode-se entender que algumas comunidades estão deixando as tradições e a língua morrerem. Muitos afirmam que não veem alternativas, portanto devem adaptar-se às regras da sociedade não indígena. Outros dizem que é para obterem sucesso. No entanto, sob nosso ponto de vista, essa visão de mundo parece mascarar a discriminação que existe com relação ao “ser índio”. Nesse sentido, a afirmação do autor pode contribuir para compreender a ‘tradição’ não como um modo de vida parado no tempo, mas, sim, como um modo de vida que, ao olhar o passado, vê o presente e o futuro, aprendendo que “tradição” é um jeito de lidar com o tempo e o espaço criando uma terceira forma de ver o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo terena*. São Paulo: MEC, SEF, USP, 2000. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Referenciais para formação de professores indígenas*. Brasília: MEC, 2002.
- _____. *Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CARVALHO, Ieda Marques de. *Professor indígena: um educador do índio ou um índio educador*. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande (MS), 1998.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Os direitos do índio: ensaio e documentos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

D'ANGELIS, Wilmar R. *Educação diferenciada: III – Conferência de pesquisa sociocultural*. Campinas: Brasil, 2000.

ESTATUTO do Índio. Lei nº. 6001, de 19 de dezembro de 1973. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/terena.shtm>>. Acesso em: 30-05-2006>.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*: DP&A, 2004.

LIMA, Eliane Gonçalves de. *O valor da comunidade indígena na construção da identidade da criança Terena*. Campo Grande: UCDB, 2007.

OLIVEIRA, R. C. *O processo de assimilação dos terena*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, 1960.

SANDMAN, Antonio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: contexto, 1992.